

ARQUITETURA DE ARTISTA: TRÊS
ARTIST'S ARCHITECTURE: THREE MOMENTS

Maria Luiza Fatorelli / UFRJ

RESUMO

O artigo apresenta considerações sobre a questão do tempo a partir da análise de três exposições recentes: *EXPERIMENTO: Desenho*, *CLEPSIDRA: Arquitetura Líquida* e *2 Atlânticos e 1 Pacífico*. São Instalações realizadas, pela autora, em espaços públicos do Rio de Janeiro. Cada uma a seu modo buscou promover aproximações científicas, poéticas e biográficas da passagem do tempo com referência na relação entre arte e arquitetura.

PALAVRAS-CHAVE: arte; arte contemporânea; arte e arquitetura; arte e tempo; arte e espaço.

ABSTRACT

The article presents considerations about the subject of time from the analysis of three recent exhibitions: EXPERIMENTO: Desenho, CLEPSIDRA: Arquitetura Líquida and 2 Atlânticos e 1 Pacífico. The site-specific exhibitions made by the author in public spaces of Rio de Janeiro, approaches time finding scientific, poetic and biographic connections through the relation between art and architecture.

KEYWORDS: art; contemporary art; art and architecture; art and time; art and space.

O artigo indaga sobre a questão do tempo a partir da análise de três exposições realizadas em espaços públicos no Rio de Janeiro. São obras/instalações que buscam acessar aproximações científicas, poéticas e biográficas do tempo com referência na relação entre arte e arquitetura. Ciclos, sol e lua, movimento das sombras e outras estratégias serviram para medir o tempo em diferentes culturas das civilizações humanas, com maior ou menor precisão. O relógio mecânico produziu uma medida física e cientificamente “exata” do tempo, mas a modernidade trouxe também a distinção entre tempo objetivo e subjetivo e a contribuição de filósofos, entre eles Bergson, que fala do tempo vivido como duração, memória e conexão entre instantes. (Rey Puente, 2010, pg.15)

Nos trabalhos analisados, o sentido poético opera diferentes aproximações da questão do tempo e propõe a construção de dispositivos que articulam medidas e vivências entre arte e lugar. O primeiro trabalho - *EXPERIMENTO: desenho*¹ - constou da construção do *Pêndulo de Foucault da UERJ*² no vão entre as rampas e as escadas da circulação vertical do edifício do Campus Maracanã da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A segunda exposição - *CLEPSIDRA: arquitetura líquida* - foi realizada na Galeria da Casa de Cultura Laura Alvim, situada em frente ao mar de Ipanema e a instalação - *2 ATLÂNTICOS 1 PACÍFICO*, em parceria com a artista americana Marty Baird, teve lugar na galeria do andar térreo do Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica.

As exposições citadas ocorreram nos anos de 2014-15-16 e constituem lugares onde a pesquisa se condensa e tem seu foco: tempo e lugar, arte e arquitetura. Poderíamos fazer um paralelo com o ciclo rítmico indiano *tal*, citado por Philip Glass no seu livro recente *Words Without Music*. Ritmo e melodia configuram um ciclo e neste ciclo existe um momento, uma frase melódica, claramente reconhecível pela audiência, chamado de *LUGAR*. Antes e depois desta frase sonora - *LUGAR* - as improvisações acontecem (GLASS, 2016.pg 216). Assim também essas exposições constituem “lugares” que tornam mais evidentes e reconhecíveis experimentações diversas entre livres improvisações ocorridas nos espaços de tempo entre elas.

EXPERIMENTO: desenho

Na pesquisa - *Arquitetura de artista: o espaço como medida* - o Campus da UERJ é tratado como um grande laboratório de observação. O projeto *EXPERIMENTO:*

FATORELLI, Maria Luiza. *Arquitetura de artista: três momentos*, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.632-639.

desenho foi pensado para um espaço específico entre as rampas e as escadas da circulação vertical na entrada principal do edifício do Campus. A construção do *Pêndulo de Foucault* ocupou o prisma, anteriormente vazio, entre os doze andares do edifício e foi realizada em colaboração com o Instituto de Física da UERJ.

Neste experimento, o plano de oscilação do pêndulo sofre variações associadas à rotação da Terra que estão relacionadas à latitude do lugar onde está instalado. No *Pêndulo da UERJ* a oscilação acontece sobre um círculo de lápis colocados verticalmente em uma plataforma de vidro. Em aproximadamente três dias todos os lápis são derrubados pelo movimento pendular tornando visível um desenho, *gesto planetário*, registrado na superfície da arquitetura.

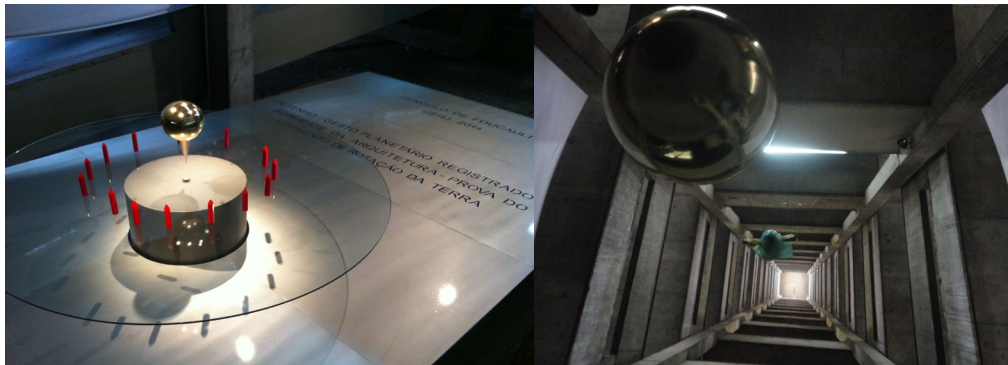


Figura 1: Pêndulo de Foucault da UERJ, 2014

Projeto *EXPERIMENTO: desenho*

Temporalidades cruzadas atravessam a arquitetura. A observação do lento deslocamento da esfera pendular pode ser feita de vários ângulos e alturas nos diferentes andares do edifício e se contrapõe ao burburinho agitado dos estudantes nas escadas e passarelas que circundam o espaço/lugar do pêndulo. Quando olhada de cima, 12º andar, a esfera de aço carbono, com peso de aproximadamente trinta quilos, parece flutuar solta na plataforma do andar térreo, silenciosamente.

O *pêndulo* é suspenso por um fino cabo de aço que conecta simbolicamente todos os andares do edifício. O movimento pendular é lento e permanece constante como um grande relógio no centro da universidade ao mesmo tempo em que marca, experimentalmente, a latitude do Campus Maracanã. O *Pêndulo de Foucault da UERJ* se alinha a outros espalhados pelo mundo. Eles giram em sentidos opostos

dependendo do hemisfério onde estão situados, e em todos eles, uma experiência de espaço e de tempo se sobrepõe.

CLEPSIDRA: Arquitetura Líquida

A segunda exposição analisada - *CLEPSIDRA: Arquitetura Líquida* - foi elaborada a partir da localização da Casa de Cultura Laura Alvim em frente ao mar de Ipanema, no Rio de Janeiro, com a proposta de *capturar* o mar para operar dispositivos poéticos sobre a temporalidade. Diferentes trabalhos apresentados associam medidas, fabulações e referências científicas para aludir poeticamente à passagem do tempo.

A Galeria Laura Alvim, situada no segundo andar de uma casa antiga, à beira mar, foi reformada e tem vários cômodos transformados em galerias de arte. A exposição - *Clepsidra: arquitetura líquida* - foi apresentada no escopo de um projeto apoiado pela Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro e incluído em uma série de exposições com a curadoria de Glória Ferreira.



Figura 2: Clepsidra: arquitetura líquida, 2016
 Galeria Laura Alvim - foto Mario Grisolli

Clepsidra é o nome de um relógio de água da antiguidade. Nesse dispositivo uma cuba cheia d'água, com um pequeno orifício na parte inferior, esvazia lentamente e deixa ver a parte interna do recipiente que contém linhas para marcar o nível da água e, desta forma, mostrar a passagem do tempo.

O trabalho instalado na primeira sala da Galeria Laura Alvim traz imagens do mar de Ipanema para a arquitetura do espaço como recipiente de uma clepsidra. A imagem projetada na sala é a imagem do mar de Ipanema filmada ao entardecer. Na medida em que a projeção do mar desce, como se a água estivesse a escoar, aparecem

linhas na parede da sala que marcam, simbolicamente, a passagem do tempo. A projeção também escurece vagarosamente e, ao final, um pequeno *rodapé* de ondas, ao anoitecer, permanece na imagem antes que o processo seja reiniciado.

A obra *Suíte Líquida* é apresentada na sala seguinte. É composta por uma cuba de acrílico com um líquido azul. Dentro desta cuba é fixada uma das bordas de um rolo de papel chinês que se estende até o chão e, pouco a pouco, por capilaridade, um desenho-tempo é realizado pela absorção do líquido pelas fibras do papel de algodão. A passagem do tempo se torna visível marcada pelo rastro do desenho de tinta azul que lentamente invade a extensa folha de papel. É como se um relógio mecânico deixasse sucessivas camadas de sombras referentes às voltas de seus ponteiros. Na sequência da exposição, uma série de desenhos nomeados *Vazantes* e um pequeno vídeo compõem o ambiente da segunda sala.

A Galeria Laura Alvim possui um generoso espaço com hall de entrada e três salas contíguas onde as obras dialogam entre si. A última sala da galeria foi reservada para uma série de desenhos que apresentam imagens do mar em sequência. Reproduções da paisagem do Oceano Atlântico vistas da varanda da casa, em uma referencia às pinturas impressionistas, variam da mais clara, quase branca, até a paisagem quase totalmente escura. Seu conjunto alude a passagem do tempo pela variação da luz. No centro da sala foi instalado um pequeno pêndulo que tem como ponteira um lápis grafite e seu movimento acontece em forma do símbolo do infinito. O título da obra - *Para Desenhar o Mar* – fala do movimento das ondas, que podem ser observadas no vídeo da primeira sala, no início da exposição.

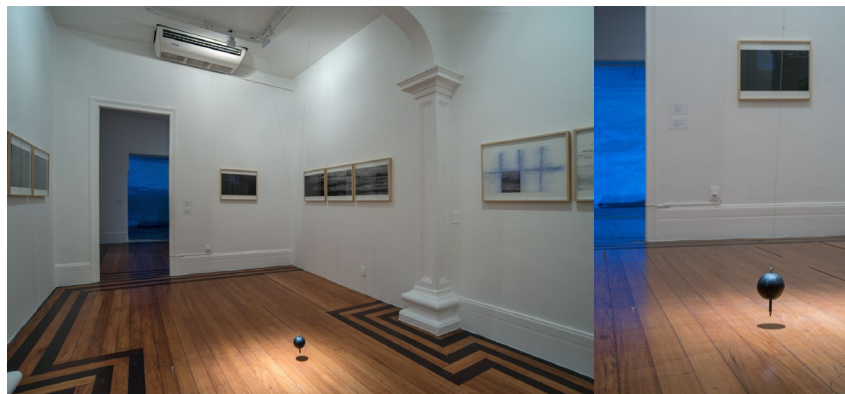


Figura 3: Clepsidra: arquitetura Líquida, 2016
 Galeria Laura Alvim – foto Mário Grisolli

Outras obras presentes nesta exposição pontuam trabalhos que lidam com a questão do tempo e da paisagem, e indicam uma pequena genealogia de um processo artístico.

2 ATLÂNTICOS 1 PACÍFICO

Aspectos biográficos da passagem do tempo são acessados na exposição *2 ATLÂNTICOS 1 PACÍFICO* que apresenta uma vasta correspondência artística como matéria da exposição. São e-mails, fotos e cartas trocados pela autora com a artista norte americana Marty Baird, iniciados após uma residência no Headlands Center for the Arts, em Sausalito, na Califórnia, em 1999.

O título do trabalho versa sobre lugares, encontros e correspondência artística. Entre o Headlands, à beira do Oceano Pacífico, Raleigh na Carolina do Norte, onde Marty habita próxima ao Atlântico Norte e o Rio de Janeiro, no Atlântico Sul, forma-se um triângulo por essa geografia de deslocamentos, constituído de histórias de projetos, imagens e palavras. A exposição foi realizada na Carolina do Norte na Galeria ARTSPACE³ no início de 2015 e posteriormente no Rio, no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica⁴. Esses encontros fortaleceram o diálogo e a abordagem experimental da montagem que revisitou trabalhos e reescreveu memórias e vivências dos processos artísticos compartilhados como linha do tempo.

Na montagem carioca da exposição *2 ATLÂNTICOS 1 PACÍFICO* foi construída uma galeria dentro da galeria, como um cubo ou uma caixa de memórias, no interior do espaço. A galeria do andar térreo do Centro HO é muito ampla, com pé direito de quase cinco metros o que possibilitou a construção de um espaço menor, em seu interior, com paredes de aproximadamente três metros de comprimento por dois metros e trinta centímetros de altura para essa instalação. Uma *linha do tempo* parte do hall de entrada, passa por dentro do cubo-galeria e continua até dar a volta em toda a sala para retornar a entrada principal.



2 ATLÂNTICOS 1 PACÍFICO, 2016
 Galeria do Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica

Do lado de fora da *caixa-galeria* a linha é feita de grafite e marcada em intervalos regulares com a utilização de um elemento vertical (uma régua escolar). Ao adentrar a *caixa-galeria* cada intervalo é marcado pela identificação do ano da correspondência e varia de tamanho de acordo com o tempo vivido e o número de cartas, e-mails e relatos compartilhados, que identificam a correspondência - linha do tempo.

A imagem acima apresenta dois aspectos da exposição. Ao entrar na sala avista-se um cubo perpassado pela linha do tempo com divisões regulares ritmadas. Trata-se de um tempo que se refere a sequência rítmica de um relógio ou calendário. Na segunda imagem, ao contrário, é visível a parte interior do cubo onde o tempo assume a escala das anotações, da identificação dos anos e também das correspondências entre Marty e eu. Na parte interna da galeria, caixa de memórias, a iluminação é intensa e o espaço muito colorido, como anotações de um caderno de artista. Na parte externa, a iluminação é mais baixa e complementada por três vídeos: um registro da montagem e uma edição de vários trabalhos de cada uma das artistas.

Esta breve análise de uma *Arquitetura em Três Tempos*, busca apresentar alguns aspectos do processo de desenvolvimento dos trabalhos. A construção do *Pêndulo de Foucault da UERJ* torna visível uma reverberação do movimento de rotação da Terra na superfície da arquitetura e ativa o experimento do físico Léon Foucault deslocando-o para o Hemisfério Sul. Extratos de tempo se materializam nos diferentes dispositivos construídos e instalados na *Galeria Laura Alvim* para a

exposição *Clepsidra: arquitetura líquida*, estratégias que trazem a paisagem para dentro do espaço arquitetônico com a regência dos movimentos das ondas do mar e por fim, memória e biografia artística são compartilhadas na exposição *2 Atlânticos 1 Pacífico* ativam lembranças e tempos na construção de um desenho particular de uma linha biográfica do tempo.

Depois de uma vida inteira de trabalho, Philip Glass se pergunta o que é a música para ele e responde: a música é um lugar. Um lugar tão real como Chicago, que tem atributos como profundidade, movimento e memória. (GLASS, 2016. Pg. 391) Segundo ele, a ideia de lugar, usada poeticamente, configura um modo particular de olhar a realidade. Assim também essas *Arquiteturas em Três Tempos* são lugares onde podemos voltar e lembrar. Associadas aos espaços onde foram construídas, permanecem na memória e também documentadas em imagens que marcam as arquiteturas originais.

Notas

¹ O *Pêndulo de Foucault da UERJ* foi construído com apoio do Edital FAPERJ para as Artes, em colaboração com o Prof. José Soares do Instituto de Física da UERJ. O Apoio foi recebido em 2013 e o pêndulo inaugurado em 2014 juntamente com uma exposição coletiva de arte contemporânea na Galeria Cândido Portinari da UERJ, com enfoque em questões relacionadas a localização, temporalidade e deslocamento.

² O Experimento realizado pelo físico Léon Foucault em 1851, provou experimentalmente a existência do movimento de rotação da terra em torno de seu eixo.

³ A exposição na Galeria ARTSPACE em Raleigh na Carolina do Norte foi realizada a convite da curadora Shana Dumont Garr.

⁴ No Rio a exposição foi realizada a convite da diretora do Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Izabela Pucu e teve curadoria de Glória Ferreira. No Catálogo da mostra carioca todas se reúnem para uma conversa - entrevista bilíngue com a participação das artistas.

Referências

GLASS, Philip. *Words Without Music: a memoir*. Primeira edição. EUA: Liveright Publishing Corporation, 2015.

REY PONTES, Fernando. *O Tempo*. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010.